

o ladrão de beijos

l.j. shen

Tradução de Célia Correia Loureiro

«É espantoso o quão cabal é a ilusão de que a beleza é bondade.»
— Leo Tolstói, *A Sonata de Kreutzer*

*Para Brittany Danielle Christina e Jacquie Czech Martin,
e para todas as mulheres poderosas do mundo.
Que possamos ser essas mulheres, que possamos criá-las,
que possamos apoiá-las.*

BANDA SONORA



Young and Beautiful — Lana Del Rey

Take Me to Church — Hozier

Young God — Halsey

Can't Truss it — Public Enemy

Back to Black — Amy Winehouse

Nothing Compares 2 U — Sinéad O'Connor

Everybody Wants to Rule the World — Tears for Fears

I'm Shipping Up to Boston — Dropkick Murphys

PRÓLOGO



O que mais me incomodava era o facto de eu, Francesca Rossi, ter todo o meu futuro fechado dentro de uma caixa de madeira velha e banal. Desde o dia em que me apercebi disso — aos seis anos de idade —, soube que o que quer que estivesse à minha espera lá dentro iria matar-me ou salvar-me. Por isso, não foi de admirar que ontem, ao amanhecer, quando o sol beijou o céu, eu tenha decidido apressar o destino e abri-la.

Eu não devia saber onde a mãe guardava a chave.

Não devia saber onde o pai guardava a caixa.

Mas o que acontece quando se fica em casa o dia todo a prepararmo-nos incessantemente para poder satisfazer os padrões quase impossíveis dos nossos pais? Temos tempo, e de sobra.

— Fique quieta, Francesca, ou vou picá-la com a agulha — queixou-se a Veronica, debaixo de mim.

Pela centésima vez percorri os olhos pelo bilhete amarelo, enquanto a costureira da mãe me ajudava com o vestido como se eu fosse uma inválida. Gravei as palavras na memória, guardando-as numa gaveta dentro do meu cérebro onde mais ninguém tinha acesso.

A excitação corria-me nas veias como uma música entusiasmante, os olhos brilhavam de determinação no espelho à minha frente. Dobrei o pedaço de papel com os dedos trémulos e enfeiei-o no decote por baixo do espartilho desatado.

Comecei a andar de novo pela sala, demasiado animada para ficar parada, fazendo com que a cabeleireira e a costureira da mamã rugissem enquanto me perseguiam pelo quarto de forma cómica.

Eu sou o Groucho Marx em Duck Soup. Apanha-me se puderes.

A Veronica puxou a ponta do espartilho, levando-me de volta para o espelho como se estivesse presa por uma trela.

— Ei, essa doeu. — Estremeci.

— Fique quieta, já disse!

Não era raro os empregados dos pais tratarem-me como um caniche glorificado e distinto. Não que isso importasse. Esta noite, eu ia beijar o Angelo Bandini. Mais especificamente, ia deixar que *ele me* beijasse.

Estaria a mentir se dissesse que não tinha pensado em beijar o Angelo todas as noites desde que regressei, há um ano, do colégio interno suíço para onde os pais me atiraram. Com dezanove anos, o Arthur e a Sofia Rossi tinham decidido introduzir-me oficialmente à alta sociedade de Chicago e deixar-me escolher um futuro marido de entre as centenas de homens italo-americanos elegíveis, associados à máfia Outfit. Esta noite, ia iniciar-se uma cadeia de eventos e convites sociais, mas eu já sabia com quem queria casar.

O papá e a mamã tinham-me informado de que a universidade não era para mim. Precisava de me dedicar à tarefa de encontrar o marido perfeito, visto que era filha única e a herdeira exclusiva dos negócios Rossi. Ser a primeira mulher da família a obter um diploma era um sonho para mim, mas eu não era burra para os desafiar. A nossa empregada, a Clara, dizia muitas vezes: «Não precisas de encontrar um marido, Frankie. Precisas de satisfazer as expectativas dos teus pais.»

Ela não estava errada. Nasci numa gaiola dourada. Era espaçosa, mas, mesmo assim, estava fechada. Tentar escapar-lhe era arriscar a morte. Não gostava de ser prisioneira, mas imaginava que iria gostar muito menos de ficar a sete palmos de terra. Por isso, nunca me tinha atrevido a espreitar por entre as grades da minha prisão e ver o que havia do outro lado.

O meu pai, Arthur Rossi, era o chefe da Outfit.

O título soava dolorosamente impiedoso para um homem que me fez tranças no cabelo, que me ensinou a tocar piano e que até derramou uma lágrima ardente no meu recital, em Londres, quando toquei piano perante uma audiência de milhares de pessoas.

O Angelo, adivinharam bem, era o marido perfeito aos olhos dos pais. Atraente, apropriado e completamente podre de rico. A família dele era dona de todos os edifícios da University Village, e a maioria das propriedades eram usadas pelo meu pai para os seus projetos ilícitos.

Conhecia o Angelo desde que nasci. Crescemos juntos como flores a desabrochar no mesmo campo. Lentamente, mas rápido ao mesmo tempo. Víamo-nos durante as férias de verão luxuosas e sob a supervisão rigorosa

dos nossos familiares, dos Homens de Honra, ou seja, homens que tinham sido formalmente aliciados como membros da máfia, e guarda-costas.

O Angelo tinha quatro irmãos, dois cães e um sorriso capaz de derreter um gelado italiano que tivéssemos na mão. O pai dele geria a empresa de contabilidade que trabalhava com a minha família, e passávamos juntos as férias anuais sicilianas, em Siracusa.

Ao longo dos anos, vi os caracóis louros e macios do Angelo escurecerem e serem domados com um corte de cabelo. Como os seus olhos azul-marinhos brilhantes se tornaram menos brincalhões e mais taciturnos, endurecidos pelas coisas que o pai, sem dúvida, lhe tinha mostrado e ensinado. Como a sua voz se tornou mais profunda, o sotaque italiano mais agudo, e ele começou a preencher a estrutura esbelta e de rapaz com músculos, altura e confiança. Tornou-se mais misterioso e menos impulsivo, falava menos vezes, mas, quando isso acontecia, as suas palavras liquefaziam-me as entranhas.

Apaixonarmo-nos é tão trágico. Não admira que deixe as pessoas tão tristes.

E, enquanto eu olhava para o Angelo como se ele pudesse derreter gelado, não era a única rapariga que se derretia com o seu constante franzir de sobrolho sempre que ele olhava para mim.

Ficava doente sempre que pensava que, enquanto eu tinha de regressar para a escola católica só para raparigas, ele voltava para Chicago para se divertir, conhecer e *beijar* outras raparigas. Mas sempre me fez sentir como se eu fosse *A Rapariga*. Enfiava-me flores no cabelo, deixava-me beber um pouco de vinho quando ninguém estava a ver e ria-se quando eu falava. Quando os irmãos mais novos dele gozavam comigo, ele puxava-lhes as orelhas e disciplinava-os. E, todos os verões, arranjava maneira de ficar sozinho comigo e me beijar a ponta do nariz.

— *Francesca Rossi, estás ainda mais bonita do que no verão passado.*

— *Dizes sempre isso.*

— *E falo sempre a sério. Não tenho o hábito de desperdiçar palavras.*

— *Sendo assim, diz-me algo importante.*

— *Tu, minha deusa, um dia serás minha esposa.*

Eu cuidava das recordações de cada verão como se fosse um jardim sagrado, guardava-as com carinho e regava-as até que crescessem como uma recordação de um conto de fadas.

Mais do que tudo, lembrava-me de como, todos os verões, sustinha a respiração até ele entrar sorrrateiramente no meu quarto, ou na loja que

eu visitava, ou na árvore sob a qual lia um livro. De como ele começou a prolongar os nossos “momentos” à medida que os anos passavam e entrávamos na adolescência, observando-me com divertimento enquanto eu tentava, sem conseguir, agir como se fosse um rapaz, quando era tão dolorosa e brutalmente uma rapariga.

Enfiei o bilhete mais fundo no sutiã enquanto a Veronica cravava os dedos carnudos na minha carne de marfim, juntando o espartilho atrás de mim de ambos os lados e apertando-o à volta da cintura.

— Oh, como é bom ter dezanove anos e ser tão bonita — bramiu ela, dramaticamente. Os fios de seda creme esticavam-se uns contra os outros e eu arquejei. Apenas a realeza da máfia italiana ainda usava costureiras e criadas para se preparar para um evento. Mas, no que dizia respeito aos meus pais, nós éramos os Windsor. — Lembras-te de como era, Alma?

A cabeleireira bufou, prendendo-me a franja de lado enquanto terminava o penteado ondulado.

— Querida, esquece essa fantasia. Quando tinhas dezanove anos, eras tão bonita como um postal da Hallmark. A Francesca, contudo, é *A Criação de Adão*. Não é da nossa liga. Nem sequer do mesmo jogo.

Senti a pele a arder de vergonha. Tinha a sensação de que as pessoas gostavam do que viam quando olhavam para mim, mas sentia-me envergonhada pela ideia de beleza. Era poderosa, mas escorregadia. Uma prenda lindamente embrulhada que, um dia, estava destinada a perder. Não queria abri-la nem deliciar-me com as suas vantagens. Só tornaria mais difícil separar-me dela.

Esta noite, a única pessoa que eu queria que reparasse na minha aparição, no baile de máscaras do Instituto de Arte de Chicago, era o Angelo. O tema da gala era Deuses e Deusas, das mitologias grega e romana. Eu sabia que a maioria das mulheres iria aparecer como Afrodite ou Vénus. Talvez Hera ou Reia, se preferissem a originalidade. Eu não. Eu era Némesis, a deusa da retribuição. O Angelo sempre me apelidou de divindade, e esta noite eu ia provar que era merecedora da alcunha, aparecendo como a deusa mais poderosa de todas.

No século XXI, podia ser visto como um disparate querer casar aos dezanove anos num matrimónio arranjado, mas na Outfit todos nos curvamos perante a tradição. E a nossa pertencia firmemente ao século XIX.

— O que estava no bilhete? — A Veronica prendeu-me um conjunto de asas pretas aveludadas nas costas, depois de deslizar o vestido pelo meu corpo. Não tinha alças e era da cor do céu límpido de verão, com vieiras

magníficas de organza azul. O tule arrastava-se meio metro atrás de mim, juntando-se como um oceano aos pés das criadas. — Aquele que enfiou no espartilho para o esconder. — Ela riu-se, colocando-me brincos de asas de penas douradas nas orelhas.

— Isso — sorri, dramaticamente, encontrando o seu olhar no espelho. Com uma mão, bati no peito, onde o bilhete repousava — é o início do resto da minha vida.

CAPÍTULO UM



Francesca

- Não sabia que a Vénus tinha asas. O Angelo beijou-me as costas da mão, à entrada do Instituto de Arte de Chicago. O meu coração afundou-se antes de afastar aquela desilusão tão tola. Ele estava apenas a provocar-me. Além disso, estava tão deslumbrantemente bonito de *smoking* que eu podia perdoar qualquer erro que ele cometesse, exceto um assassinato cruel. Os homens, ao contrário das mulheres na gala, usavam um traje de *smokings* e máscaras. O Angelo complementara o seu fato com uma máscara veneziana de folhas douradas que lhe cobria a maior parte do rosto. Os nossos pais trocaram cumprimentos enquanto nós estávamos em frente um do outro, a apreciar cada sarda e cada centímetro de carne um do outro. Não lhe expliquei que era a Némesis. Teríamos tempo, uma vida inteira, para discutir mitologia. Eu só precisava de ter a certeza de que esta noite teríamos outro momento como os dos verões fugazes. Só que, desta vez, quando ele me beijasse o nariz, eu iria olhar para cima e selava os nossos lábios e destinos.

Sou como o Cupido, a atirar uma flecha de amor diretamente para o coração do Angelo.

— Estás mais bonita do que da última vez que te vi. — O Angelo agarrou-se ao tecido por cima do local onde o seu coração batia, fingindo render-se. Toda a gente à nossa volta ficou em silêncio e reparei que os nossos pais se olhavam conspirativamente.

Duas famílias italo-americanas, ricas e poderosas, com laços mútuos e fortes.

O *Don Vito Corleone* ficaria orgulhoso.

— Viste-me há uma semana no casamento da Gianna. — Lutei contra a

vontade de lambar os lábios, enquanto o Angelo me olhava diretamente nos olhos.

— Os casamentos ficam-te bem, mas ter-te só para mim fica ainda melhor — disse ele, sem rodeios, elevando o bater do meu coração, antes de se virar para o meu pai. — Senhor Rossi, posso acompanhar a sua filha até à mesa?

O pai agarrou-me no ombro por trás. Eu estava apenas vagamente ciente da sua presença enquanto uma névoa espessa de euforia me envolvia.

— Mantém as mãos onde eu as possa ver.

— Sempre, senhor.

Eu e o Angelo entrelaçámos os braços, enquanto um das dezenas de empregados nos indicava os lugares na mesa coberta de ouro e decorada com porcelana preta e refinada. O Angelo inclinou-se e sussurrou-me ao ouvido:

— Ou, pelo menos, até seres oficialmente minha.

Os Rossi e os Bandini tinham sido colocados a alguns lugares de distância uns dos outros, para meu desapontamento, mas não para minha surpresa. O meu pai estava sempre no centro de todas as festas e pagava um bom dinheiro para ter os melhores lugares em todos os sítios onde ia. À minha frente, o governador de Illinois, Preston Bishop, e a mulher preocupavam-se com a lista de vinhos. Ao lado deles estava um homem que eu não conhecia. Usava uma máscara simples e preta, um *smoking* que devia ter custado uma fortuna pelo tecido rico e corte impecável. Estava sentado ao lado de uma loura irrequieta, com um vestido de tule francês branco. Uma das dezenas de Vénus presentes.

O homem parecia aborrecido, rodando o uísque no copo enquanto ignorava a mulher bonita ao seu lado. Quando ela tentou aproximar-se e falar com ele, virou-se para o outro lado e verificou o telemóvel, antes de perder completamente o interesse em todas as coisas à sua volta e olhar para a parede atrás de mim.

Senti uma certa tristeza atravessar-me o corpo. Ela merecia melhor do que o que ele lhe estava a oferecer. Melhor do que um homem frio e ameaçador que nos fazia sentir arrepios na espinha sem sequer olhar para nós.

Aposto que ele conseguia manter um sorvete gelado durante dias a fio.

— Tu e o Angelo parecem apaixonados um pelo outro — comentou o papá em tom de conversa, olhando para os meus cotovelos apoiados na mesa. Retirei-os imediatamente, sorrindo educadamente.

— Ele é simpático. — Eu diria “mega simpático”, mas o meu pai não gosta nada da gíria moderna.

— Ele encaixa no *puzzle* — disse o papá. — Perguntou se podia levar-te a sair na próxima semana e eu disse que sim. Com a supervisão do Mario, claro.

Claro. O Mario era um das dezenas de empregados musculados do meu pai. Ele tinha a forma e o QI de um tijolo. Tinha a sensação de que o papá não me ia deixar esgueirar para um sítio onde não me pudesse ver esta noite, sobretudo porque sabia que eu e o Angelo nos dávamos demasiado bem. O papá apoiava-me no geral, mas queria que as coisas fossem feitas de uma certa maneira. Uma maneira que a maioria das pessoas da minha idade iria achar retrógrada ou talvez até bárbara. Eu não era estúpida. Sabia que estava a cavar um buraco ao não lutar pelo meu direito à educação e a um emprego remunerado. Sabia que devia ser *eu* a decidir com quem queria casar.

Mas também sabia que ou eram as escolhas dele ou nada. Libertar-me tinha o preço de deixar a minha família para trás, e a família era o meu mundo inteiro.

Para além da tradição, a máfia de Chicago era muito diferente da versão que retratavam nos filmes. Nada de becos sombrios, drogados asquerosos e combates sangrentos com a lei. Atualmente, tudo se resumia a lavagem de dinheiro, aquisição e reciclagem. O pai manipulava abertamente a polícia, misturava-se com políticos de alto nível e até ajudava o FBI a apanhar suspeitos internacionalmente conhecidos.

De facto, era precisamente por isso que estávamos aqui esta noite. O papá tinha concordado em doar uma quantia impressionante a uma nova fundação de caridade, destinada a ajudar jovens em risco a adquirir uma educação superior.

Oh, a ironia, meu fiel amigo.

Bebi champanhe e olhei para o Angelo do outro lado da mesa, conversando com uma rapariga chamada Emily, cujo pai era dono do maior estádio de basebol de Illinois. O Angelo disse-lhe que estava prestes a inscrever-se num programa de mestrado na Northwestern, enquanto se juntava à empresa de contabilidade do pai. A verdade é que ele ia realizar lavagens de dinheiro para o pai e servir a Outfit até ao fim dos seus dias. Estava perdida na conversa deles quando o governador Bishop voltou a sua atenção para mim.

— E tu, pequena Rossi? Estás a frequentar alguma faculdade?

Todos à nossa volta estavam a conversar e a rir, exceto o homem à minha frente. Ele continuava a ignorar o seu par, bebendo e olhando para o telemóvel, que recebia uma centena de mensagens por minuto. Agora, olhava

para mim, mas também *através* de mim. Perguntei-me qual seria a sua idade. Parecia mais velho do que eu, mas não tinha a idade do papá.

— Eu? — Sorri educadamente, com a espinha a enrijecer. Alisei o guardanapo no colo. As minhas maneiras eram impecáveis e eu era bem versada em conversas de circunstância. Na escola, tinha aprendido latim, regras de etiqueta e cultura geral. Conseguia conversar com qualquer pessoa, desde líderes mundiais a uma pastilha elástica mastigada. — Oh, acabei de me formar há um ano. Agora, estou a trabalhar para expandir o meu repertório social e estabelecer ligações aqui em Chicago.

— Por outras palavras, não trabalhas nem estudas — comentou o homem à minha frente, bebendo o uísque de um trago e lançando ao meu pai um sorriso perverso. Senti as orelhas ficarem rosadas enquanto pestanejava para o meu pai a pedir ajuda. Ele não deve ter ouvido, porque pareceu ter deixado passar tal comentário.

— Jesus Cristo — resmungou a mulher loura ao lado do homem mal-educado, ficando vermelha. Ele descartou-a, abanando uma mão.

— Estamos entre amigos. Ninguém iria divulgar o que fosse.

Divulgar? Quem raio era esta pessoa?

Instigada, beberiquei a minha bebida.

— Eu faço outras coisas, claro.

— Partilha connosco — provocou ele, com um fascínio fingido. O nosso lado da mesa ficou em silêncio. Era um tipo de silêncio sombrio. O tipo de silêncio que indicava que estávamos a viver um momento vergonhoso.

— Eu adoro trabalhar com caridade...

— Isso não é uma atividade real. O que *fazes* tu realmente?

Verbos, Francesca. Pensa em verbos.

— Ando a cavalo e gosto de jardinagem. Toco piano. Eu... ah, vou às compras para o que preciso.

Estava a piorar a situação e sabia-o. Mas ele não me deixou desviar a conversa para outro lado e mais ninguém veio em meu auxílio.

— Isso são passatempos e luxos. Qual é a tua contribuição para a sociedade, menina Rossi, para além de apoiar a economia dos EUA comprando roupa suficiente para cobrir a América do Norte?

Tudo o que se ouvia era o barulho da porcelana fina. Uma mulher ofegou. As restantes conversas foram interrompidas.

— Já chega — rosnou o meu pai, com a voz gelada e os olhos sombrios. Eu estremeci, mas o homem da máscara permaneceu calmo, ereto e, quando muito, alegremente divertido com o rumo que a conversa tinha tomado.

— Devo concordar, Arthur. Creio ter aprendido tudo o que há para saber sobre a tua filha. E apenas num minuto.

— Deixaste os teus deveres políticos e públicos em casa, bem como as tuas maneiras? — observou o pai, sempre bem-educado.

O homem sorriu, com um ar lupino.

— Pelo contrário, senhor Rossi. Acho que me lembro muito bem deles, o que será uma desilusão para ti.

O Preston Bishop e a mulher acalmaram o desastre social fazendo-me mais perguntas sobre a minha educação na Europa, os recitais e o que eu queria estudar (botânica, embora eu não fosse estúpida o suficiente para revelar que a faculdade não era uma opção). Os meus pais sorriram perante a minha conduta impecável e até a mulher ao lado do estranho mal-educado se juntou à conversa, falando da viagem que fez à Europa durante o seu ano sabático. Ela era jornalista e tinha viajado por todo o mundo. Mas, por mais simpáticos que todos fossem, não conseguia esquecer a humilhação terrível que tinha sofrido com a língua afiada do seu acompanhante, que, já agora, voltou a olhar para o fundo do copo acabado de encher com uma expressão que transpirava aborrecimento.

Pensei em dizer-lhe que não precisava de beber mais e que encontrar ajuda profissional seria uma maravilha.

Depois do jantar, começaram as danças. Cada mulher presente tinha um cartão de dança com os nomes das pessoas que haviam feito uma oferta anónima. Todos os lucros revertiam a favor da caridade.

Fui ver o meu cartão na mesa comprida que continha os nomes das mulheres que haviam comparecido. O meu coração bateu mais depressa quando o examinei e vi o nome do Angelo. A minha alegria foi rapidamente substituída por pavor quando me apercebi de que o cartão estava cheio de nomes que soavam italianos, sendo o cartão mais preenchido comparado com os outros espalhados à sua volta, e que provavelmente passaria o resto da noite a dançar até ficar com os pés dormentes. Dar um beijo ao Angelo ia ser complicado.

A primeira dança foi com um juiz federal. Depois, com um *playboy* italo-americano de Nova Iorque, que me disse que tinha vindo só para ver se os rumores sobre a minha aparência eram verdadeiros. Beijou a bainha da minha saia como um duque da Idade Média, antes de os amigos o arrastarem bêbedo de volta para a mesa deles. *Por favor, não peças ao papá por um encontro comigo*, resmunguei interiormente. Ele parecia ser o tipo de ricoço que faria da minha vida uma variação de *O Padrinho*. O terceiro era

o governador Bishop e o Angelo era o quarto. Era uma valsa relativamente curta, mas tentei não deixar que isso me afetasse o humor.

— Cá está ela.

O rosto do Angelo iluminou-se quando se aproximou de mim e do governador para a nossa dança.

Os candelabros pendiam do teto e o chão de mármore trauteava com o tinir dos saltos das dançarinas. O Angelo inclinou a cabeça para a minha, pegando-me na mão e pousando a sua outra mão na minha cintura.

— Estás linda. Ainda mais do que há duas horas. — Suspirou, enviando ar quente para o meu rosto. Asas de borboleta aveludadas fizeram-me cócegas no coração.

— É bom saber, porque não consigo respirar com esta coisa.

Ri-me, à procura do seu olhar. Eu sabia que ele não podia beijar-me aqui e uma pitada de pânico tomou conta das borboletas, afogando-as em pavor. E se não conseguíssemos ficar a sós de todo? Nesse caso, o bilhete seria inútil.

Esta caixa de madeira vai salvar-me ou matar-me.

— Adorava fazer-te respiração boca a boca sempre que ficasses sem fôlego. — Passou os olhos pelo meu rosto, com a garganta a engolir em seco. — Mas começaria com um simples encontro na próxima semana, se estiveres interessada.

— Estou interessada — aceitei, demasiado depressa.

Ele riu-se, com a testa encostada à minha.

— Queres saber quando?

— Quando vamos sair? — perguntei, envergonhada.

— Isso também. Sexta-feira, já agora. Mas eu quis dizer quando foi o momento em que soube que ias ser minha mulher? — perguntou ele, sem perder tempo.

Eu mal conseguia acenar com a cabeça. Queria chorar. Senti-o apertar a mão à volta da minha cintura e apercebi-me de que estava a perder o equilíbrio.

— Foi no verão em que fizeste dezasseis anos. Eu tinha vinte. Que pervertido. — Ele riu-se. — Chegámos tarde ao chalé siciliano. Eu estava a puxar a minha mala junto ao rio, ao lado dos nossos chalés contíguos, quando te vi na doca, a enfiar flores numa coroa. Estavas a sorrir para as flores, tão bonitas e esquivas, e eu não quis quebrar o feitiço ao falar contigo. Depois, o vento fez com que as flores se espalhassem por todo o lado. Nem sequer hesitaste. Saltaste de cabeça para o rio e apanhaste todas as flores que se

tinham afastado da coroa, mesmo sabendo que não iriam sobreviver. Porque fizeste isso?

— Era o aniversário da minha mãe — admiti. — Falhar estava fora de questão. A coroa de aniversário ficou muito bonita, já agora.

Desviei o olhar para o espaço inútil entre os nossos peitos.

— Falhar não é uma opção — repetiu o Angelo, pensativo.

— Nesse dia, beijaste-me o nariz na casa de banho do restaurante — salientei.

— Eu lembro-me.

— Esta noite, vais roubar-me outro beijo no nariz? — perguntei.

— Eu nunca te iria roubar nada, Frankie. Comprava-te o beijo pelo preço total, cada cêntimo incluído — disse ele, bem-humorado, piscando-me o olho —, mas receio que, entre o teu cartão absurdamente cheio e as minhas obrigações de me misturar com todos os Homens de Honra que tiveram a sorte de arranjar um convite, talvez seja necessário adiar. Não te preocupes, já disse ao Mario que lhe daria uma gorjeta generosa se demorasse a ir buscar o carro na sexta-feira.

O gotejar de pânico era agora um aguaceiro de terror. Se ele não me beijasse esta noite, a profecia do bilhete ia por água abaixo.

— Por favor? — Tentei abrir mais o sorriso, disfarçando o terror com entusiasmo. — As minhas pernas precisam de uma pausa.

Ele mordeu o punho e riu-se.

— Tantas insinuações sexuais, Francesca.

Não sabia se queria chorar de desespero ou gritar de frustração. Provavelmente as duas coisas. A música ainda não tinha acabado e continuávamos a balançar nos braços um do outro, embalados por bruxaria, quando senti uma mão firme e forte na parte superior nua das minhas costas.

— Creio ser a minha vez.

Ouvi a voz baixa a rugir atrás de mim. Virei-me com uma carranca, para encontrar o homem rude da máscara negra a olhar para mim.

Ele era alto — cerca de um metro e noventa —, com o cabelo preto desgrenhado e alisado para trás, numa perfeição tentadora. O seu físico musculado e duro era esguio mas largo. Os olhos eram cinzentos como seixos, oblíquos e ameaçadores, e o maxilar demasiado quadrado emoldurava-lhe perfeitamente os lábios curvados, dando à sua aparência, que de resto era demasiado bonita, um ar sombrio. Tinha um sorriso desdenhoso e impessoal estampado nos lábios e eu quis arrancar-lho da cara. Era óbvio que ele ainda se divertia com o que pensava ser um monte de disparates que eu havia

soltado à mesa. E tínhamos uma audiência, pois reparei que metade da sala estava agora a olhar para nós com interesse. As mulheres olhavam para ele como tubarões esfomeados num aquário. Os homens tinham sorrisos meio curvados de hilaridade.

— Cuidado com as mãos — rosnou o Angelo quando a música mudou e ele já não me podia manter nos braços.

— Mete-te na tua vida — disse o homem.

— Tens a certeza de que estás no meu cartão?

Virei-me para o homem, com um sorriso educado mas distante. Ainda estava desorientada da troca de palavras com o Angelo quando o estranho me puxou contra o seu corpo rijo e pressionou uma mão possessiva nas minhas costas, mais abaixo do socialmente aceitável e a um centímetro de quase me apalpar o rabo.

— Responde-me — sussurrei.

— A minha licitação no teu cartão foi a mais alta — respondeu ele, secamente.

— As licitações são anónimas. Não se sabe quanto é que os outros pagaram. — Mantive os lábios cerrados, para não gritar.

— Sei que não é nada perto do que vale esta dança.

Inacreditável, porra.

Começámos a dançar a valsa pela sala, enquanto os outros casais não só giravam e se misturavam, mas também nos lançavam olhares invejosos. Olhares nus e crus que me diziam que, fosse quem fosse a loura com quem ele tinha ido ao baile de máscaras, ela não era a mulher dele. E que eu podia ser a estrela da Outfit, mas o homem rude também era muito requisitado.

Eu estava rígida e gelada nos seus braços, mas ele não parecia notar, nem se importar. Sabia dançar a valsa melhor do que a maioria dos homens, mas era técnico, e faltava-lhe o calor e a brincadeira do Angelo.

— Némesis — disse ele, apanhando-me de surpresa, com o olhar voraz. — Distribui alegria e lida com a miséria. Parece não combinar com a rapariga submissa que entretinha o Bishop e a sua mulher equídea à mesa.

Engasguei-me com a minha própria saliva. Ele acabara de chamar equídea à mulher do governador? E a *mim* submissa? Desviei o olhar, ignorando o cheiro viciante da sua colónia e a sensação do seu corpo de mármore contra o meu.

— A Némesis é o meu espírito animal. Foi ela que atraiu o Narciso para uma fonte onde ele viu o próprio reflexo e morreu de vaidade. O orgulho é uma doença terrível. — Lancei-lhe um sorriso provocador.

— Alguns de nós deviam contraí-la. — Ele mostrou uma fileira de dentes brancos.

— A arrogância é uma doença. A compaixão é a cura. A maioria dos deuses não gostava da Némesis, mas isso é porque ela era audaz.

— E tu? — Arqueou uma sobrancelha escura.

— E eu...? — Pestanejei, o sorriso cortês na minha cara a desfazer-se. Ele era ainda mais rude quando estávamos sozinhos.

— És audaz? — continuou ele. Olhou para mim de forma tão ousada e íntima, que parecia soprar fogo contra a minha alma. Quis afastar-me do seu toque e saltar para uma piscina cheia de gelo.

— Claro que sim — respondi, enrijecendo a coluna. — O que se passa com as tuas maneiras? Foste criado por coiotes selvagens?

— Dá-me um exemplo — disse ele, ignorando a minha piada.

Eu estava a tentar afastar-me, mas ele puxou-me de volta para os seus braços. O salão de baile brilhante distorceu-se num pano de fundo e, embora começasse a notar que o homem por detrás da máscara era invulgarmente belo, a fealdade do seu comportamento era a única coisa que se destacava.

Eu sou uma guerreira e uma dama... e uma pessoa sã capaz de lidar com este homem horrível.

— Eu gosto muito do Angelo Bandini.

Baixei a voz, desviando o olhar do seu e dirigindo-o para a mesa onde a família do Angelo estivera sentada. O meu pai encontrava-se sentado a alguns lugares de distância, olhando-nos friamente, rodeado de Homens de Honra a conversarem.

— E, na minha família, temos uma tradição que remonta a dez gerações. Antes do casamento, uma noiva que carregue o apelido Rossi deve abrir uma caixa de madeira, esculpida e feita por uma bruxa que vivia na aldeia italiana dos meus antepassados, e ler três bilhetes que lhe foram escritos pela última rapariga Rossi a casar. É uma espécie de amuleto da sorte misturado com um talismã e um pouco de adivinhação. Roubei o baú à noite e abri um dos bilhetes, tudo para poder apressar o destino. Dizia que, esta noite, eu ia ser beijada pelo amor da minha vida e, bem... — Mordi o lábio inferior e chupei-o, olhando por baixo das pestanas para o lugar vazio do Angelo. O homem olhava-me estoicamente, como se eu fosse um filme estrangeiro que ele não conseguia entender. — Vou beijá-lo esta noite.

— É esse o teu ato audaz?

— Quando tenho uma ambição, corro atrás dela.

Ele franziu a testa, como se dissesse que eu era uma idiota. Olhei-o

diretamente nos olhos. O pai ensinou-me que a melhor maneira de lidar com homens como este era confrontando-os, sem fugir. Porque, este homem? Ele iria perseguir-me.

Sim, eu acredito nessa tradição.

Não, não me interessa o que pensas.

Depois, ocorreu-me que, ao longo da noite, lhe tinha contado toda a história da minha vida e nem sequer lhe perguntara o nome. Eu não queria saber, mas a etiqueta exigia que pelo menos fingisse.

— Esqueci-me de perguntar quem és.

— Esqueceste-te porque não queres saber — galhofou ele.

Olhava-me com a mesma taciturnidade. Representava o paradoxo de um tédio acirrado. Não lhe disse nada, porque era verdade.

— Senador Wolfe Keaton. — As palavras saíram-lhe de forma brusca.

— Não és um pouco novo para ser senador?

Elogiei-o para ver se conseguia descongelar a espessa camada de má educação que ele tinha construído à sua volta. Algumas pessoas só precisavam de um abraço apertado. À volta do pescoço. Não, o que eu estava mesmo a pensar era em estrangulá-lo. Não é a mesma coisa.

— Trinta anos. Celebrados em setembro. Fui eleito em novembro.

— Parabéns. — *Estou-me nas tintas.* — Deves estar contente.

— Felicíssimo.

Ele aproximou-me ainda mais, encostando o meu corpo ao dele.

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal? — Aclarei a garganta.

— Só se eu puder fazer o mesmo — atirou ele.

Pensei no assunto.

— Está bem.

Ele baixou o queixo, dando-me permissão para continuar.

— Porque pediste para dançar comigo, já para não falar que pagaste caro por esse prazer duvidoso, se obviamente pensas que tudo o que eu defendo é superficial e de mau gosto?

Pela primeira vez esta noite, algo que se assemelhava a um sorriso cruzou-lhe o rosto. Não parecia natural, era quase ilusório. Decidi que ele não tinha o hábito de se rir com frequência. Ou de maneira alguma.

— Queria ver com os meus próprios olhos se os rumores sobre a tua beleza eram verdadeiros.

Outra vez. Resisti à vontade de lhe bater no pé. Os homens eram criaturas tão simples. Contudo, lembrei-me de que o Angelo *sempre* me achara bonita. Quando ainda usava aparelho nos dentes, com um monte de sardas

a cobrir-me o nariz e as bochechas, e um cabelo castanho desordenado que ainda não tinha aprendido a domar.

— É a minha vez — disse ele, sem se pronunciar mais sobre a minha aparência. — Já escolheste os nomes para os teus filhos com o Bangini?

Era uma pergunta estranha, sem dúvida destinada a gozar comigo. Apetecia-me dar meia-volta e afastar-me dele naquele preciso momento. Mas a música estava a desvanecer-se e era estúpido irritar-me com um encontro que iria terminar em breve. Além disso, tudo o que saía da minha boca parecia incomodá-lo. Porquê estragar um ataque perfeito?

— *Bandini*. E sim, já escolhi, de facto. Christian, Joshua e Emmaline.

Está bem, se calhar também tinha escolhido os sexos. Era o que acontecia quando se tinha demasiado tempo livre.

Agora, o estranho da máscara estava realmente a sorrir e, se a minha raiva não me fizesse sentir como se corresse veneno puro nas veias, eu podia apreciar a sua higiene dentária digna de um anúncio. Em vez de inclinar a cabeça e beijar-me a mão, como o folheto do baile de máscaras indicava ser obrigatório, ele deu um passo atrás e, escarnecendo, saudou-me.

— Obrigado, Francesca Rossi.

— Pela dança?

— Pela visão.

A noite tornou-se progressivamente pior depois da dança com o senador Keaton. O Angelo estava sentado numa mesa com um grupo de homens, envolvidos numa discussão acesa, enquanto eu era atirada de um par de braços para o outro, sorrindo e perdendo a esperança e a sanidade, música atrás de música. Não conseguia acreditar no absurdo da minha situação. Roubei a caixa de madeira da minha mãe, a única coisa que alguma vez tinha roubado, para ler o bilhete e ganhar coragem para mostrar ao Angelo como me sentia. Se ele não me ia beijar esta noite, se *ninguém* me ia beijar esta noite, será que isso significava que eu estava condenada a viver uma vida sem amor?

Três horas depois do início do baile de máscaras, consegui sair pela entrada do museu e parei nos degraus largos de betão, respirando a noite fresca primaveril. O meu par da última dança teve de sair mais cedo. Felizmente, a mulher dele tinha entrado em trabalho de parto.

Rodeei o meu corpo com os braços, enfrentando o vento de Chicago e rindo tristemente de nada em particular. Um táxi amarelo passou pelos edifícios altos e um casal caminhava aos ziguezagues até ao seu destino.

Clique.

Parecia que alguém tinha desligado o universo. Os candeeiros ao longo da rua desligaram-se inesperadamente e toda a luz desapareceu.

Era de uma beleza mórbida; a única luz visível era de um crescente solitário e cintilante acima da minha cabeça. Senti alguém envolver-me a cintura com um braço. O toque era confiante e forte, curvando-se à volta do meu corpo como se o homem a quem pertencia o tivesse estudado durante algum tempo.

Durante anos.

Virei-me. A máscara dourada e preta do Angelo olhava para mim. Deixei que o ar me escapasse dos pulmões, o meu corpo transformou-se em gel, caindo-lhe nos braços com alívio.

— Vieste — sussurrei.

Ele roçou o polegar nas minhas bochechas. Um aceno de cabeça suave e sem palavras.

Sim.

Inclinou-se e encostou os lábios aos meus. O meu coração guinchou dentro do peito.

Nem me digam nada. Isto está mesmo a acontecer.

Agarrei os rebordos do fato dele, puxando-o para mais perto. Já tinha imaginado o nosso beijo inúmeras vezes, mas nunca esperei que fosse assim. Como se ele fosse o meu lar. O meu oxigénio. O meu para sempre. Os seus lábios cheios esvoaçavam sobre os meus, enviando ar quente para a minha boca, e ele explorou, mordiscou e mordeu-me o lábio inferior antes de reclamar a minha boca com a sua, inclinando a cabeça para o lado e descendo para uma carícia feroz. Abriu a boca, com a língua a espreitar e a passar pela minha. Eu retribuí o favor. Ele puxou-me para mais perto, devorando-me lenta e apaixonadamente, pressionando uma mão na parte inferior das minhas costas e a gemer-me para a boca como se eu fosse água no deserto. Gemi contra os seus lábios e percorri os cantos da sua boca sem qualquer perícia, sentindo-me envergonhada, excitada e, mais importante, livre.

Livre. Nos seus braços. Haverá algo mais libertador do que sentirmo-nos amados?

Balancei-me na segurança dos seus braços, beijando-o durante uns bons três minutos antes de os meus sentidos voltarem a trabalhar no cérebro enevoado. Ele sabia a uísque e não ao vinho que o Angelo tinha estado a beber toda a noite. Era bastante mais alto do que eu, mais alto do que o Angelo, mesmo que não muito. Depois, o cheiro do *aftershave* chegou-me ao nariz e lembrei-me daqueles olhos gelados, do poder cru e da sensualidade sombria

que me acendia as chamas de raiva nas entranhas. Respirei fundo e senti o ardor dentro de mim.

Não.

Afastei os lábios dos dele e recuei, tropeçando num degrau. Ele agarrou-me o pulso e puxou-me para evitar a minha queda, mas não fez qualquer esforço para retomar o beijo.

— Tu! — gritei, com a voz a tremer. Na altura certa, os candeeiros de rua voltaram a ganhar vida, iluminando as curvas acentuadas do seu rosto.

O Angelo tinha curvas suaves sobre um maxilar definido. Este homem era áspero e com ângulos aguçados. Não se parecia nada com a minha paixão, mesmo com uma máscara.

Como é que ele fez isto? *Porque* será que o fez? As lágrimas brotaram-me nos olhos, mas contive-as. Não queria dar a este completo desconhecido a satisfação de me ver reduzida a lágrimas.

— Como te atreves? — disse eu, baixinho, mordendo as bochechas até o sabor do sangue quente me encher a boca para não gritar.

Ele deu um passo atrás, tirando a máscara do Angelo — sabe Deus como é que ele lhe deitou as mãos — e atirando-a para as escadas como se estivesse contaminada. O rosto sem máscara foi revelado como uma obra de arte. Brutal e intimidante, exigindo-me a atenção. Dei um passo para o lado, para que houvesse mais espaço entre nós.

— Como? Sem qualquer dificuldade. — Ele era tão desdenhoso, estava a namoriscar comigo contrariado. — Uma rapariga inteligente, no entanto, teria perguntado *porquê*.

— Porquê? — bufei, recusando-me a deixar que os últimos cinco minutos ficassem registados.

Eu tinha sido beijada por outra pessoa. O Angelo, de acordo com a tradição da minha família, não ia ser o amor da minha vida. Este idiota, no entanto...

Agora, era a vez de ele dar um passo para o lado. Tendo ele estado a bloquear a entrada do museu com os ombros largos, eu não havia reparado em quem estava de pé à entrada com os ombros descaídos, a boca aberta, a cara gloriosamente desmascarada, a observar a cena.

O Angelo olhou para os meus lábios inchados, virou-se e voltou para dentro, com a Emily a correr atrás dele.

Quando subiu as escadas, o Wolfe¹ já não vestia a sua pele de cordeiro, virando-me as costas. Chegado às portas, a sua acompanhante saiu como

¹ Trocadilho com *wolf*, lobo. (N. de T.)

se fosse uma deusa. O Wolfe pegou-lhe no braço e levou-a para baixo, não me poupando um olhar enquanto eu murchava nas escadas de cimento. Conseguia ouvir a acompanhante dele a murmurar qualquer coisa, a sua resposta seca ao comentário dela, e o riso dela a soar no ar como um sino de vento.

Quando a porta da limusina deles foi fechada, senti os lábios a arder tanto que tive de lhes tocar para ter a certeza de que ele não os tinha incendiado. A falta de eletricidade na rua não foi coincidência. Foi ele.

Ele ficou com o poder. O *meu* poder.

Arranquei o bilhete do espartilho e atirei-o para a escada, pisando-o como uma criança birrenta.

O Wolfe Keaton era um ladrão de beijos.